

EPISTEMOLOGIA DA GEOGRAFIA EM SALA DE AULA: (DES) CONEXÕES DE CONCEITOS, TEMAS E CONTEÚDOS

EPISTEMOLOGY OF GEOGRAPHY IN THE CLASSROOM: (DIS) CONECTIONS OF CONCEPTS, THEMES AND CONTENTS

JOÃO PAULO DE OLIVEIRA

Mestrando em Geografia (UEPB)

jpcrzfilho26@hotmail.com

WILTON DE ARAUJO MEDEIROS

Docente da UEG / UnUCET, Campus Henrique Santillo, Anápolis – GO

wilton_68@hotmail.com

Resumo: Este artigo se configura como relato e análise da importância e pertinência da interdisciplinaridade na sala de aula, sobretudo, na vinculação História-Geografia, e, desta maneira, diversificando ferramentas e modos de se pensar o espaço geográfico como construção da relação homem com a natureza. Referindo-se às aulas da disciplina Cidade, memória e história oferecida no segundo semestre de 2012, no curso de mestrado em Geografia da UEPB, refletimos, a partir das leituras e de um trabalho de campo, sobre conexões e desconexões conceituais entre as disciplinas História e Geografia, possibilitando com isso, pensar sobre processo de construção do conhecimento. Metodologicamente utilizamos como referência as leituras realizadas ao longo do curso, bem como, a participação em um trabalho de campo na cidade de Caruaru – PE. Portanto, o trabalho versa sobre a reflexão sobre teoria e metodologia de ensino.

Palavras-chave: Cidade. Memória. Representação. Espaço.

Abstract: This paper is configured as reporting and analysis of the importance and relevance of interdisciplinarity in the classroom, especially in linking history-geography, and thus, diversifying tools and ways of thinking about geographic space as a construction of the man with nature. Referring to the lessons of discipline Town, memory and history offered in the second half of 2012, the Master's degree in Geography UEPB, reflect, from the readings and field work on conceptual connections and disconnections between disciplines History Geography and enabling it, think about the process of knowledge construction. Methodologically used as reference readings were taken throughout the course, as well as participation in field work in the city of Caruaru – PE. Therefore, the work is about reflection on theory and teaching methodology.

Key-words: City. Memory. Representation. Space.

1. INTRODUÇÃO

Durante o segundo semestre de 2012, no decorrer das aulas da disciplina Cidade, Memória e História, fomos percebendo a importância da forte ligação que tem a História e a Geografia, e que desta maneira, elas não podem ser compreendidas como saberes distantes um do outro. De um lado busca-se analisar o espaço no tempo, e, de outro, os fenômenos no espaço. Com isso, pudemos perceber no decorrer das aulas, uma investigação da natureza, fontes e validade do conhecimento. Daí a intencionalidade na escolha do título acima: Epistemologia em sala de aula: (des) conexões dos conceitos, temas e conteúdos.

O artigo está dividido da seguinte maneira: em um primeiro momento, justificamos a escolha do tema. Em seguida, reservamos uma parte para o desenvolvimento do que pudemos apreender, quais sejam, os conceitos e temas abordados no decorrer do semestre. Posteriormente, abordamos o referencial teórico adotado, e suas reflexões sobre a importância e pertinência de considerar as conexões entre os saberes. E por fim, fazemos nossas considerações finais acerca da disciplina, suas contribuições para nossa formação acadêmica e do professor enquanto um “mediador” do conhecimento.

2. ESCOLHA DO TEMA

A escolha do tema para o texto final da disciplina Cidade, Memória e História, partiu de uma profunda reflexão feita sobre de que modo os conteúdos apresentados e discutidos em sala poderiam contribuir para o desenvolvimento do projeto de pesquisa. Isso nos pareceu oportuno, já que escrever sobre os conteúdos abordados em sala, passara a configurar-se como desafio metodológico, corroborando com base na pesquisa que vai tratar justamente de estratégias metodológicas no ensino de geografia, verticalizando para a referência maior na atuação do professor, como mediador do processo de ensino-aprendizagem. Nesta perspectiva de desafio metodológico, é que foi possível pensar na possibilidade de fazer “nexos”, com a pesquisa intitulada “A mediação no ensino de Geografia”.

Fazendo jus as discussões relevantes ao curso, destaca-se a estratégia metodológica adotada pelo docente, na qual, foi possível gerar sempre discussões ricas em conteúdos, desse modo abrindo espaço e oportunidade para todos indagarem-se e oferecerem suas contribuições nas aulas, suscitou-se estudar a cidade em seu contexto sócio-histórico, e também de uma atividade de campo feita com toda a turma na cidade de Caruaru-PE.

3. CONTEÚDOS: CONCEITOS E TEMAS EM SALA DE AULA

Quanto às referências bibliográficas indicadas e discutidas em sala de aula, as mesmas foram inseridas no campo da Geografia Cultural. Vale destacar também, que sob uma análise crítica dos conteúdos, os temas e autores, não se resumiram somente a um tema específico, portanto, englobando debates interdisciplinares que envolveram conceitos, temas e conteúdos, da ciência geográfica e da História. Uma vez que nas aulas foi enfática a presença de grandes temas como: memória (coletiva e individual), espaço (vivido e de representações), História, Geografia cultural.

Correlatos a estes temas, estiveram ramificados subtemas de menor expressão, porém, pertinente nas aulas da disciplina. Tais subtemas ou categorias (KOSELLECK, 2006) foram

significativas nas discussões suscitadas. Destacam-se, categorias como: imagem visual, experiência, expectativa, lembranças, recordação, memorização, passado, presente, futuro, imaginário, formas, esquecimento, mídia, valores, significado, certezas, etc. Estes e outros termos permearam as aulas da matéria. Foram importantes, no que apareceram e impulsionaram nossas reflexões acerca de temas diversos, atinentes à Geografia cultural. Os tópicos com subtítulos abordados a partir de agora, não constituem respostas ou conclusões quanto aos debates em sala de aula, eles são apenas reflexões embasadas das discussões ocorridas na disciplina.

3.1. Memória: por quê este debate?

A memória foi um dos grandes temas discutidas em sala de aula. Todavia ela não foi colocada apenas como um termo que nos remete a um passado longínquo, a memória foi apresentada como um substantivo carregado de significados que nos faz perceber, comparar e analisar os fatos no tempo e no espaço. Para justificar nossa colocação anterior da memória como algo que nos remete um tempo e espaço vivido recorreu-se a Halbwachs (2006), quando este contribuiu com as discussões sobre memória coletiva e o espaço. Segundo este autor, “nosso ambiente material traz ao mesmo tempo a nossa marca e a dos outros” (p. 157). Halbwachs está se referindo ao espaço e tempo como marcas que podem gerar nossas memórias coletivas. Interessante situar as várias instancias da produção da memória coletiva. Assim, o referido autor nos elucida:

Assim se explica como as imagens espaciais desempenham esse papel na memória coletiva. O lugar ocupado por um grupo não é como um quadro-negro no qual se escreve e depois se apaga números e figuras. Cada aspecto, cada detalhe desse lugar tem um sentido que só é inteligível para os membros do grupo. (HALBWACHS, 2006, p. 159-160).

Como se vê, é no lugar que constrói a Memória coletiva, pois ela seria a reunião de todos os termos aprendidos sobre o espaço vivido. Sendo que o lugar em questão, como sendo sinônimo de coletividade, estando a memória enraizando-se como coletiva quando ultrapassa as concepções do individualismo e atinge a coletividade. Nas palavras Halbwachs (2006, p. 164), “pesares ou inquietações individuais não tem consequências porque não tocam a coletividade”. O que gera então, no lugar, a memória coletiva? Existiam então planos da memória coletiva: primeiro o plano sentimental, ou seja, a luta por direitos coletivos, e grandes tragédias podem sensibilizar e gerar memórias coletivas (vide p. 164-165); outros planos geradores da memória coletiva seria o viés do plano econômico e religioso:



No plano econômico, os homens são diferenciados e se aproximam pelas qualidades ligadas à pessoa e não ao lugar. Por razão maior ainda, o mesmo ocorre nas sociedades religiosas: elas estão fundamentadas em uma comunidade de crenças que tem como objetos seres imateriais, essas associações estabelecem laços invisíveis entre seus membros e se interessam principalmente pelo homem interior. (HALBWACHS, 2006, p. 166).

Além desses planos, todos relacionados a uma “comunidade de crença”, segundo Halbwachs existem memórias coletivas constituídas por atos específicos. Tais memórias estariam ligadas às ações de profissionais como “tabelião, prefeito, conselheiro, secretário de sindicato”; estes personagens da história são importantes, porque servem como figuras produtoras de “memória das relações de direito e dos atos jurídicos que se prendem à sua função deve adquirir o máximo de extensão e relevo, mas elas representam o principal centro dessa memória que em si é coletiva” (HALBWACHS, p. 169).

Iniciamos falar das concepções de Halbwachs (2006) sobre a memória coletiva, por ter percebido a fluente discussão que a turma fez na aula em que o tema deste autor esteve presente. Porém, não nos esquecemos de mencionar a aula em que o autor Mauricio Abreu (2011) trouxe a discussão “Sobre a memória das cidades”. Neste texto, o pesquisador deixa claro que “a valorização do passado das cidades é uma característica comum às sociedades desta virada de milênio” (p. 19). O autor chega a falar que é preciso “preservar a memória urbana”.

Neste sentido, em países como o Brasil, são construídos “discursos e projetos que pregam a restauração, a preservação ou revitalização dos mais diversos vestígios do passado. A justificativa apresentada é invariavelmente a necessidade de preservar a “memória urbana”” (ABREU, 2011, p. 19). A busca constante pela valorização da memória urbana, atualmente perpassa pelo tripé preservação/recuperação/restauração. Com estas premissas, a cidade tornou objeto do mercado consumidor, e neste sentido, “a memória urbana é hoje um elemento fundamental da constituição da identidade de um lugar” (ABREU, 2011, p. 23).

Ressouoou-nos então um questionamento, mas o que seria memória coletiva? Abreu (2011, p. 26) se apropria da definição de Halbwachs para conceituar o seu significado, assim, a memória coletiva seria “um conjunto de lembranças construídas socialmente e referenciadas a um grupo que transcende o indivíduo”. Vale destacar os termos “lembranças”, “construídas” “grupo”, pois, com estas três palavras é possível atribuir significado e sentido à memória coletiva. Primeiro, porque as lembranças estariam ligadas ao vivido (KOSEL, 2010), ao espaço de experiência (KOSELLECK, 2006). Entretanto, esta experiência vivida estaria

sempre ligada ao um compartilhamento de valores pessoais e espaciais (TUAN, 1983). Outro termo destacado sobre a memória coletiva é que ela faz parte sempre de uma construção da coletividade, portanto, ligando a um processo histórico, porém, não podendo confundida com a história, pois para Le Goff (1996) a história é distinta de memória.

Segundo Le Goff (1996, p. 423) a memória surge como propriedade de conservar informações, ou seja, funções psíquicas. O último termo destacado sobre a memória coletiva é o “grupo”. Sobre o grupo está implícito a ação sempre – ou quase sempre – do papel da sociedade, quero dizer das influências capaz de convergir a formação de uma identidade coletiva. Seria o surgimento de grupos religiosos, econômicos, políticos, culturais etc.

3.2. Espaço: para além da compreensão concreta

Depois das discussões do conteúdo em sala de aula, poderíamos substituir o termo espaço, por cidade, pois nos debates materializou-se este conceito enquanto a instância do vivido (TUAN, 1983). Porém, é importante mencionar o conceito de espaço geográfico. Desta maneira, podemos atribuir significado ao mesmo, recorrendo a Milton Santos que o considera como “a relação indissociável de objetos e ações”. E aqui devemos explicar que, segundo Tuan (1983, p. 20), o conceito de espaço se confunde com o de lugar; pois “o lugar é um tipo de objeto. Lugares e objetos definem o espaço, dando-lhe uma personalidade geométrica”. Neste caso, o lugar estudado sendo a cidade.

Segundo Tuan (1983, p. 18-19):

Os espaços do homem refletem a qualidade dos seus sentidos e sua mentalidade. A mente frequentemente extrapola além da evidência sensorial. A mente discrimina desenhos geométricos e princípios de organização espacial no meio ambiente. A mente procura materializar seus sentimentos, imagens e pensamentos. O resultado é o espaço escultural e arquitetural.

Tuan (1983), está nos elucidando que antes de ser materializado a construção do espaço geográfico passa pelo um processo mental, ou seja, o espaço organizado é pensado e produzido sempre com um fim de reprodução, ou seja, reprodução dos capitais, humano, cultural, material, simbólico etc.

3.3. Representações do vivido: o geográfico imaginado e materializado no espaço

Este foi outro termo, ou seja, as representações do vivido, que frequentemente permeou os debates em sala de aula. Para compreender este conteúdo histórico-geográfico, Salete Kosel foi a autora que melhor contribuiu com as discussões. Segundo ela, “Todas as funções mentais superiores, específicas do ser humano integram a ótica da consciência, e são processos intermediados pelos signos que são construídos socialmente ao longo da existência” (KOSEL, 2009). Na discussão “das linguagens do cotidiano como representações do espaço”, abordadas em sala de aula, considerou-se as colocações da autora Salete Kosel (2009), uma vez que está pesquisadora chega a conclusão de que as representações são “uma forma de linguagem impregnada de significados e valores sociais refletindo a realidade ou vivência social dos indivíduos” (KOSEL, 2009)

O desenvolvimento desta prática de representação do espaço, assume no ensino uma importante tarefa de facilitadora dos conteúdos geográficos. Para Kosel (2009) “as representações nessa perspectiva assumem um caráter de “cartografia cultural”, sobretudo por incorporar aspectos da geografia humanístico-cultural tendo como fio condutor o Dialogismo Bakhtiniano”. Na discussão do texto “As representações do geográfico” (KOSEL, 2002), a autora se preocupa em apontar a atividade da ciência geográfica, principalmente, no que diz respeito à prática da geração das representações espaciais. Neste sentido, ela menciona que

caberia, sobretudo à geografia das representações entender os processos que submetem o comportamento humano, tendo como premissa que esse é adquirido por meio de experiências (temporal, espacial e social), existindo uma relação direta e indireta entre essas representações e as ações humanas. (KOSEL, 2002, p. 215)

Na realidade, o que Kosel (2002) está explicando é como se dá o desenvolvimento do conhecimento, a partir de uma experiência vivida, ou seja, sua gênese perpassa pela relação que conseguimos fazer “entre as representações e o imaginário”. (KOSEL, 2002, p. 215). Para Kosel (2002), uma atividade prática de reconhecimento do conhecimento do indivíduo são os mapas mentais ou carta mental.

A geografia incorpora essa abordagem a partir do enfoque comportamental, com os mapeamentos cognitivos, passando pelo conceito de espaço vivido, em direção às representações sociais, refletindo nessa inter-relação a Geografia das Representações, que tem nos mapas mentais um dos seus principais aportes metodológicos (KOSEL, 2002, p. 169).

Ou seja, o conhecimento sendo construído a partir de uma experiência vivida, e não a partir de uma teoria absolutizada como verdade a ser transposta. Sobre a importância dos mapas em si, Kosel (2002, p. 169) esclarece que os mesmos “sempre se constituíram a partir da percepção e representação de imagens mentais”, quais seja, imagens do “vivido”.

3.4. História e memória: uma tentativa de distinção

Achou-se por necessário incluir como um dos conteúdos mais importantes discutidos em sala de aula, essa compreensão da distinção que, a partir dessas discussões apresentadas em sala de aula, é preciso ter cautela sobre a desconexão que parece existir entre história e memória, quando na realidade, pudemos ver diversos modos de realizar conexões entre esses campos de saber. O autor que mais significativamente abordou uma clara distinção de saberes é Jacques Le Goff (1996). Le Goff (1996) em seu texto “História e memória” faz a desconexão que existe entre estes dois conteúdos. Nessa perspectiva de explicar a distinção entre história e memória, o autor busca de início abordar a “memória”, como “a propriedade de conservar certas informações” (LE GOFF, 1996, p. 423). Assim, para ele em um primeiro momento a memória nos remeteria a “um conjunto de funções psíquicas”.

Segundo Le Goff (1996, p. 424), as teorias que procuram abordar a memória sempre se reportam a falar de “vestígios mnemônicos”. Com os vestígios mnemônicos as memórias podem ser recuperadas em parte, pois a memória sempre é falha, enquanto que a história é sempre mais completa, pois tem como objetivo compilar e resguardar os fatos decorridos no tempo com mais precisão. Mnemônica seria uma técnica capaz de influenciar no desenvolvimento da memória. Le Goff (1996, p. 425) cita Leroi-Gourhan, quando este considera a memória em sentido lato e distingue três tipos de memória: memória específica, memória étnica e memória artificial. Leroi-Gourhan aborda a memória de forma lato, sendo resultado de “concatenações de atos”, portanto, não sendo apenas propriedade da inteligência. Ao final do texto Le Goff (1996, p. 476), vai dizer que “a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder”. Portanto, para ele (LE GOFF, 1996, p. 477) a memória só existe quando cresce a história. A história alimenta as memórias.

3.5. Geografia Cultural: um debate sem fim

Este foi um dos conteúdos em que a discussão transcorreu, talvez, de modo mais estimulante para nós alunos. Talvez, pelo motivo de ser um conteúdo de caráter geográfico ou porque, foi uma estratégia proposital do professor em trazer a tona a Geografia Cultural nas últimas aulas. No texto “A volta do Cultural na Geografia” Paul Claval (2002), foi discutido que a cultura está imbricando mudanças recentes na Geografia. Claval (2002, p. 55), descreve que os novos rumos das relações humanas/meio ambiente “trata a abordagem regional a partir do interesse da geografia cultural pelos lugares, enfoca as relações sociais na abordagem cultural, especialmente o papel da comunicação”. Dentro deste tema, aproveitamos para situar a Viagem de Campo a Caruaru – PE, na qual podemos perceber através de seu patrimônio cultural, a resistência do povo que por meio de suas manifestações da arte e artesanato não deixam perder a significação do espaço vivido (TUAN, 1983) (figuras 1 e 2).



Figura 1 - Feira de Caruaru – PE
Foto: OLIVEIRA, J. P. (2012)



Figura 2 - Casa de Cultura de Caruaru - PE
Foto: OLIVEIRA, J. P. (2012)

Caruaru (figuras 3 e 4) destaca-se como uma cidade de médio porte, por concentrar atividades que centraliza os serviços de comércio na região. A área central é onde podemos destacar a concentração dos fluxos de pessoas que veem frequentemente a cidade em busca de resolver suas necessidades.

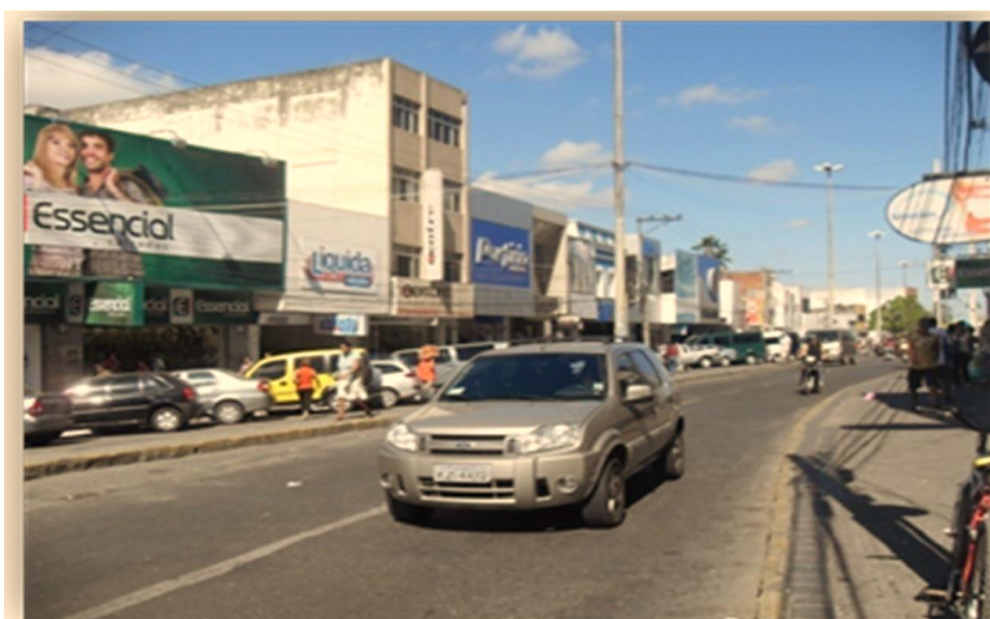


Figura 3 - Área Central de Caruaru – PE
Foto: OLIVEIRA, J. P. (2012)



Figura 4 – Fluxo de pessoas
Foto: OLIVEIRA, J. P. (2012)

Relacionando as formas espaciais observadas na paisagem da cidade de Caruaru – PE com minha pesquisa de Mestrado em Geografia na UFPB em andamento, intitulada “A mediação do professor no ensino de Geografia”, e tendo como um dos objetivos as formas espaciais, foi possível relacionar às observações da paisagem da cidade. Ou seja, com as próprias formas espaciais que caracterizam e dá vida a cidade. Neste sentido, foi comprovado por meio de entrevista junto a uma professora da rede pública do local que as imagens mostram que a Geografia Cultural está presente nas formas espaciais de Caruaru – PE. Segundo pesquisa exploratória em que em diálogo com professoras de Geografia da rede pública de ensino municipal, as mesmas explicaram que as marcas da paisagem, são estratégias que possibilitam aproximar o conteúdo ensinado em sala com a realidade dos alunos, ou seja, as professoras destacam a importância do lugar no ensino de Geografia, sobretudo, no Ensino Fundamental.

Sobre a figura 5, podemos dizer o professor de Geografia pode tomar como referência para abordar a questão ambiental e a distribuição das formas espaciais. Já a figura 6, ele pode levar os alunos a pensar que Caruaru – PE, é uma cidade que se encontra em um processo de construção espacial, ou seja, ela já é uma cidade considerada histórica pelo tempo e pela sua cultura. Porém, a mesma está passando pelo um processo de modernização de suas formas espaciais.



Figura 5 - Esgoto no centro de Caruaru – PE
Foto: OLIVEIRA, J. P. (2012)



Figura 6 - Cidade em (re) construção
Fonte: OLIVEIRA, J. P. (2012)

Sobre Caruaru – PE, preferiu enfatizar dentro das concepções da Geografia Cultural, a dimensão da paisagem cultural, uma vez que “a paisagem constitui para a geografia um de seus conceitos-chaves, a ela sendo atribuída, por parte de numerosos geógrafos, o papel de integrar a geografia, articulando o saber sobre a natureza como o saber sobre o homem” (CORRÊA, 1995, p. 03) Na perspectiva de mostrar a presença da Geografia cultural na paisagem de Caruaru – PE, é que colocamos as imagens 5 e 6, como formas de percepção do ambiental e cultural presente na cidade. Corrêa (1995) destaca a “percepção ambiental e ‘a’ cultura” dentro da geografia cultural. Segundo “a natureza e o espaço socialmente produzido, do qual o homem é parte integrante, constituem o ambiente geográfico”. (CORRÊA, 1995, p. 07).

4. DIALOGANDO COM OS AUTORES SOBRE O TEMA

Dentre o referencial teórico presente nas aulas, destacamos autores que de modo significativo contribuíram diretamente para nossa aprendizagem dos conteúdos epistemológico, atinentes a Geografia Cultural. Dentre eles, vale ressaltar nomes, como: Le Goff (1992), com seu texto sobre “História e memória”; outro importante teórico que ajudou em nossas aulas, foi Halbwachs (2006), este autor nos contribuiu com a discussão sobre “A memória coletiva e o espaço”; igualmente a este, aparece Claval (2001) com a discussão sobre “A memória e suas formas”; Huyssen (2000), foi importante no tocante a discussão do tempo presente; porém, de maneira mais importante, destacamos Koselleck (2006), sobre o conteúdo deste autor mencionamos que foi possível fazer uma relação entre a História e Geografia, entre tempo e espaço, pois o texto tratou de forma clara de “Espaço de experiência e horizonte de expectativa: duas categorias históricas”;

Os referidos autores citados anteriormente discutem diretamente o conteúdo histórico – a exceção de Claval (2001) – por isso, neste parágrafo vemos autores que trataram conteúdos, diríamos “mais geográficos”. Sendo os seguintes: Claval (1997), em que trouxe a discussão das “As abordagens da geografia cultural”; outro autor com conteúdo geográfico foi, Corrêa (2003), ele nos elucidou sobre “A dimensão do cultural do espaço”; Tuan (1983) foi importante na discussão sobre “Corpo, relações pessoais e valores espaciais”; outros autores, como Kosel (2008), Nogueira (2008), Pollak (1989), Abreu (2011), Holzer (2003), Torres (2009), Fonseca (2006), Campos (2006), Medeiros (2010), foram igualmente importantes com seus conteúdos, uma vez que consideramos que “todo conhecimento é válido”.

Com base nesse elenco de autores e conteúdos propostos como leituras teóricas, pretende-se desenvolver uma análise qualitativa das aulas da disciplina, neste sentido, percebendo como foram as discussões e o aproveitamento para nossa pesquisa, enquanto estudante de pós-graduação. Ou seja, na análise das aulas tenta-se não reduzir a importância dos questionamentos e respostas suscitadas por todos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente texto teve por objetivo discutir sobre temas recorrentes no ensino de Geografia, pensando-os como categorias no sentido de palavras usadas no cotidiano por professores. Tivemos como ponto de partida as leituras realizadas na disciplina Cidade, memória e história, cursada no Mestrado em Geografia na Universidade Federal da Paraíba. Nossas ideias tiveram ainda como base empírica um trabalho de campo na cidade de Caruaru – PE. Assim, faz-se necessário dizer que aprendemos a esperar e fazer conexões entre os saberes da História e Geografia, pois as discussões em sala de aula, sempre foram carregadas de discursos da episteme científica e relacionando com a realidade.

Neste sentido, o viés da interdisciplinaridade esteve presente no texto escrito, através das ligações entre os conhecimentos que buscou imprimir. Cidade, memória e história, foi uma disciplina que suscitou pensar em várias maneiras de observar o espaço geográfico e abordá-lo por diferentes maneiras; ou seja, podendo ser visto pelo viés da história como fruto do processo histórico; pelo viés cultural como fruto das resistências que fazem persistir as manifestações espaciais - exemplo da cidade de Caruaru – PE – desta maneira dando a alma do lugar e pelo viés da memória dos lugares.

6. REFERÊNCIAS

CLAVAL, P. “A volta do cultural” na Geografia. **Mercator - Revista de Geografia da UFC**, Fortaleza, ano 01, número 01, p. 20 – 28, 2002.

CORRÊA, R. L. **A dimensão cultural do espaço**: alguns temas. Espaço e cultura, UERJ, 1-21, nº 1. Disponível em: <http://www.nepec.com.br/ver_espacial_1.htm>. Acesso em: 18/05/2013.

KOSEL, Salete. **As representações no geográfico**. In elementos de epistemologia da geografia contemporânea. MENDONÇA, F.; KOZEL, S. Curitiba: Editora da UFPR, 2002.

_____. **Representação do espaço sob a ótica do conceito: mundo vivido e dialogismo**. Anais XVI Encontro Nacional de Geógrafos – crise, práxis e autonomia: espaços de resistência e de esperança – espaço de socialização de coletivos. Porto Alegre: ENG 2010.



_____. **As linguagens do cotidiano como representações do espaço:** uma proposta e) metodológica possível. Disponível em: <[http://egal2009.easyoplanners.info/area02/2008KOZEL Salete.pdf](http://egal2009.easyoplanners.info/area02/2008KOZEL%20Salette.pdf)>. Acesso em: 20/06/2012.

KOSELLECK, Reinhart. **“Espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”:** duas categorias históricas. In futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva e o espaço.** São Paulo: Centauro, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Tradução Bernardo Leitão...[et al.] 4 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

MEDEIROS, Wilton de Araújo. **Goiânia metrópole:** sonho, vigília e despertar (1933-1973). Tese de Doutorado em História. Universidade Federal de Goiás, 2010.

TUAN, Yi-Fu. **Perspectiva experiencial:** corpo, relações pessoais e valores espaciais. In Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.